
Proposta de instrumento para análise dos fatores de sucesso do ciclo de vida da organização e do processo empreendedor: uma análise da percepção dos empresários da Mesorregião do Norte de Minas Gerais

Carléia Fagundes de Oliveira Reis
Mestre e Pós-Graduada em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pelo Centro Universitário de Belo Horizonte
carleiafg@hotmail.com

Wendel Alex Castro Silva
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor e pesquisador do Instituto Novos Horizontes
wendel.silva@unihorizontes.br

Andreia de Oliveira Santos
Doutoranda em Administração pela UFMG. Professora do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas do CEFET-MG.
andreiasantos@cefetmg.br

Hudson Fernandes Amaral
Professor Titular do Centro Universitário Unihorizontes - BH/MG. Professor Catedrático Visitante do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa - ISEG/ULISBOA. Professor Titular aposentado do CEPEAD/CAD/FACE da Universidade Federal de Minas Gerais.
hfamaral.cepead@gmail.com

Editor Científico: José Edson Lara
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 05.02.2018
Aprovado em 10.08.2018



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição – Não Comercial 3.0 Brasil

Resumo

Observa-se na literatura uma carência de estudos que abordem os elementos que auxiliam na manutenção da longevidade empresarial (V. C. Oliveira, W. A. C. Silva, E. A. T. Araújo, & Jeunon, 2013). Atendendo-se a tal limitação, o presente estudo tem por objetivo validar estatisticamente um instrumento de pesquisa de acordo com a trajetória empreendedora proposta de Bygrave (2010) e avaliar a pertinência da inclusão de outras variáveis no mesmo modelo. O questionário proposto e validado constitui ferramenta gerencial para diagnosticar as etapas do processo empreendedor e para promover a longevidade nas organizações. Como resultados, identificou-se necessidade de inclusão das variáveis *resolução de problemas e perspectivas e tendências* no modelo proposto por Bygrave (2010). Além disso, a validação do instrumento foi realizada por meio de sucessivos refinamentos que culminaram em parâmetros adequados em todos os testes avaliados, com destaque para os valores de consistência interna que se mostraram adequados em todas as dimensões avaliadas.

Palavras chave: Empreendedorismo, processo empreendedor, ciclo de vida das organizações.

Proposal instrument for analysis of the Organization's lifecycle Success Factors and entrepreneurial Process: An Analysis of Perception of Entrepreneurs of Mesoregion North of Minas Gerais

Abstract

We begin by examining in literature a lack of studies address elements that assist in maintenance of business longevity. Paying attention such a limitation, the present study aimed to validate statistically a instrument of the entrepreneurial trajectory suggested by Bygrave (2010) and evaluate the relevance of insertion of the new variables in the model. The proposed and validated questionnaire is management tool to diagnose as stages entrepreneur process and to promote longevity in organizations. As results, it identified the need for inclusion of variables Troubleshooting and Perspectives and Trends in the model proposed by Bygrave (2010). In addition, the validation of the instrument was carried out by successive refinements culminating in appropriate parameters in all evaluated tests, highlighting the internal consistency of values that were suitable in all dimensions evaluated.

Key words: Entrepreneurship, entrepreneurial process, organizational life cycle.

Propuesta de instrumento para mejorar los tiempos de éxito del ciclo de vida de la organización y del proceso emprendedor: una declaración de las profesiones del mesorregión del norte de minas gerais

Resumen

Observa en la literatura una carencia de estudios que aborden los elementos que auxilian en el mantenimiento de la longevidad empresarial (Oliveira, Silva, Araújo, & Jeunon 2013). En el presente estudio se pretende validar estadísticamente un instrumento de investigación de

acuerdo con la trayectoria emprendedora propuesta de Bygrave (2010) y evaluar la pertinencia de la inclusión de otras variables en el mismo modelo. El cuestionario propuesto y validado constituye una herramienta gerencial para diagnosticar las etapas del proceso emprendedor y para promover la longevidad en las organizaciones. Como resultados, se identificó la necesidad de inclusión de las variables resolución de problemas y perspectivas y tendencias en el modelo propuesto por Bygrave (2010). Además, la validación del instrumento fue realizada por medio de sucesivos refinamientos que culminaron en parámetros adecuados en todas las pruebas evaluadas, con destaque para los valores de consistencia interna que se mostraron adecuados en todas las dimensiones evaluadas.

Palabras clave: Emprendedorismo, proceso emprendedor, ciclo de vida de las organizaciones

1. Introdução

As micro e pequenas empresas (MPEs) possuem importância no cenário econômico brasileiro, na medida em que fomentam a promoção social, a criação de lastro para a estabilidade política, a geração de empregos, a distribuição da renda e o desenvolvimento econômico do país. Para se ter uma ideia da relevância da MPEs no Brasil, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2012), as micro e pequenas empresas são responsáveis por aproximadamente metade dos novos postos de trabalho criados no país. Nesta perspectiva, o empreendedorismo toma corpo como área de conhecimento a ser estudada e fomentada.

Diversas são as vertentes que estudam o empreendedorismo. Este tema pode ser avaliado, por exemplo, considerando o comportamento empreendedor (Barros & Moreira, 2006; Carneiro, 2008; Silva, Fonseca, & Araújo, 2015), o processo empreendedor (Boszczowski & Teixeira, 2012; Fíliá, 2013) e a trajetória empresarial (Greatti, 2010; Fernandes, 2013). Boa parcela das pesquisas na temática empreendedorismo (Maciel, 2009; Martinelli & Fleming, 2010; Maciel & Camargos, 2010), todavia, focam nos motivos que levam a mortalidade das MPEs. Há, portanto, uma carência em estudos que abordem os elementos que auxiliam na manutenção e na longevidade empresarial (Oliveira, Silva, & Araújo, 2013).

Acerca da longevidade empresarial Melo e Neto Froes (2002) defendem que o estudo em empreendedorismo deve garantir o desenvolvimento e a auto sustentabilidade das micro e das pequenas empresas, contribuindo para uma bem sucedida trajetória empresarial e para um adequado ciclo de vida. Estudos em trajetória empreendedora, portanto, tem por objetivo entender as condicionantes do sucesso das empresas ao longo de seu ciclo de vida e ampliar o conhecimento a respeito dos negócios (Adizes, 1990).

Na mesma temática, um dos autores mais relevantes é Bygrave (2010). Ele descreve o processo empreendedor como um ciclo de vida de uma organização. Esse modelo se dá a partir do surgimento de uma ideia (inovação) que desencadeia as demais etapas da trajetória empreendedora: evento inicial, implementação e crescimento. De acordo com o autor, o nascimento de uma empresa pode ser uma casualidade, no entanto, seu sucesso tem forte ligação com o processo empreendedor. Isto é, com o desenvolvimento ao longo de seu ciclo de vida.

O modelo de Bygrave tem sido utilizado em diversos estudos (Nassif, & Silva, 2010; Franke, Gruber, Harhoff, & Henkel, 2008; Moroz & Hindle, 2012), para estudar o processo empreendedor. No entanto, algumas questões ainda são suscitadas a respeito desse modelo. São elas: além das fases citadas pelo autor, existem outras que compõem o processo empreendedor? É possível identificar as fases de desenvolvimento de uma empresa por meio de um instrumento validado estatisticamente?

O objetivo deste trabalho, portanto, é validar estatisticamente um instrumento de pesquisa de acordo com a trajetória empreendedora proposta de Bygrave (2010) e avaliar a pertinência da inclusão de outras variáveis no mesmo modelo.

2. Revisão da literatura

2.1 *O empreendedorismo e os motivos que levam à atividade empreendedora*

Na literatura são encontradas diversas definições para o termo empreendedorismo. Para Bom Ângelo (2003, p. 25), empreendedorismo “é a criação de valor por pessoas e organizações trabalhando juntas para implementar uma ideia por meio de uma aplicação de criatividade, capacidade de transformação e o desejo de tomar aquilo que comumente chamaria de risco”. Na visão de Araújo (1988) o empreendedorismo pode ser definido como o processo de criação e de desenvolvimento de negócios autônomos baseados em inovação sistemática. De acordo com o relatório executivo da Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2001), o empreendedorismo é considerado qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento que pode ser uma atividade autônoma, uma nova empresa, ou a expansão de um empreendimento existente, por um indivíduo, grupos de indivíduos ou por empresas já estabelecidas.

Apesar de haver diferentes definições para o termo *empreendedorismo*, observa-se que seus múltiplos conceitos apresentam alguns elementos em comum, a saber: o empreendedorismo está ligado a criação ou ao aproveitamento de novas oportunidades de

negócio com criação de valor para as pessoas e para a sociedade de modo geral. Essa ideia vai de encontro a Schumpeter (1985). De acordo com o autor, o ato de empreender é fenômeno importante sob o ponto de vista do desenvolvimento econômico, pois o empreendedor é o “produtor de mudança econômica”. É ele o responsável por criar e por produzir itens novos que serão comercializados e que irão movimentar a economia de um país.

Diante da relevância social e econômica do empreendedorismo, autores estudaram quais são as características capazes de distinguir um empreendedor, os quais alguns serão destacados. Para Schumpeter (1985), são elas: um empreendedor é aquele que é responsável por produzir um novo bem ou uma nova qualidade em um bem; que introduz um novo método na produção ou um método que ainda não tenha sido testado e constitui em uma nova maneira de manusear o novo bem; que promove a abertura de um novo mercado; que conquista uma nova fonte de oferta de matérias primas ou de bens manufaturados; que estabelece uma nova organização em qualquer empresa, ou seja, aquele que cria uma posição de monopólio ou divide uma posição existente. Na visão de Araújo (1988), empreendedor é alguém que assume riscos e inova, tendo em mente um objetivo empresarial preciso: o de iniciar e o de manter um negócio independente. Drucker (2003) corrobora com essa ideia quando diz que o termo empreendedor é utilizado para definir aquela pessoa que começa seu próprio negócio.

Dos autores aqui apresentados que discorrem sobre as características do empreendedor, é possível perceber alguns elementos em comum: o empreendedor é aquele indivíduo capaz de correr riscos na busca pela concretização de um objetivo profissional ligado a um novo negócio. Além das características, outro tema mostra-se relevante no estudo do empreendedorismo: o que leva as pessoas a empreender? Segundo o GEM (2001), o empreendedor surge mediante duas motivações diferentes: ou pela oportunidade ou pela necessidade. A oportunidade representa a criação de novas empresas com o objetivo de explorar uma brecha específica do negócio. Já a necessidade está atrelada ao indivíduo que não possui outra opção melhor de trabalho. Nestes dois casos, a atividade empreendedora está ligada a habilidade de lidar com incertezas e com riscos (Drucker, 2003) e também com a necessidade de possuir competências centrais ligadas ao negócio e de investir na mobilização de recursos e alianças estratégicas (Prahalad & Hamel, 1990).

Vale, Corrêa e Reis (2014), em referência ao estudo proposto por GEM (2001), afirmam que a necessidade e a oportunidade não são elementos suficientes para esclarecer os motivos

pelos quais os indivíduos tornam-se empreendedores. Para os autores, o empreendedorismo também está ligado a identificação da oportunidade; aos atributos e às expectativas pessoais quanto ao novo negócio; ao ambiente externo associado principalmente ao mercado de trabalho; a insatisfação com o emprego atual; a família; e, por fim, a influência de terceiros. Degen (1989) apresenta outras motivações: vontade de ganhar muito dinheiro, desejo de sair da rotina, vontade de ser seu próprio patrão, necessidade de provar a si mesmo e aos outros sua capacidade de abrir um empreendimento e o desejo de criar algo que possa trazer benefícios para si e para a sociedade.

Para Collins e Hansem (2012), Drucker (2003), GEM (2001), Prahalad e Hamel (1990), Araújo (1988) e Schumpeter (1985), a motivação para empreendedor está atrelada a algumas características de personalidade. Para Bernardi (2003), isso nem sempre é verdade. Para o autor, as circunstâncias podem originar um empreendedor e isso não está necessariamente ligado a traços de personalidade. Na visão do autor pode sim existir o empreendedor nato, aquele que tem vocação para os negócios. Por outro lado, há aquele que é herdeiro e dá continuidade a um empreendimento da família. Outra circunstância pode estar relacionada à um desequilíbrio na carreira profissional e em algum momento da sua história o indivíduo decide partir para um negócio próprio. Grandes técnicos e vendedores que tenham conhecimento especializado em produtos/serviços podem decidir empreender. A motivação para ter o seu negócio próprio pode também estar atrelada a uma opção de emprego. Há circunstâncias relacionadas ao estabelecimento de sociedade com amigos/parentes, paralelamente ao desempenho de uma atividade principal de trabalho. Nesse caso, o indivíduo entende que em um momento futuro poderá atuar como empreendedor. Por último, Bernardi (2003) acrescenta que a aposentadoria precoce pode ser um motivo que leva o início de um negócio.

Machado e Gimenez (2000) trazem outra questão à tona a respeito da motivação para empreender: o perfil etário/social. Os autores observaram que os empreendedores em uma relação conjugal abrem um novo negócio devido a terceirização, demissão ou experiência anterior de um dos cônjuges. Na idade adulta, o principal motivo para empreender é o desejo de realização. Para os aposentados, a necessidade de integração social, a preocupação com o futuro dos filhos e uma oportunidade para complementar a renda são os principais motivos que levam essa classe etária a empreender. A motivação dos jovens, por outro lado, está ligada ao desejo de seguir um modelo de identificação (geralmente paterno ou materno). Essa última ideia foi confirmada em estudo desenvolvido por Lima-Filho, Sproesser e Martins (2009). De acordo

com os autores, a influência de um modelo familiar é elemento importante para que os jovens tornem-se empreendedores. Os autores observaram, ainda, que 55% dos jovens criaram a sua própria empresa, enquanto 45% a herdaram-na do grupo familiar.

2.2 *A trajetória empreendedora e ciclo de vida das organizações*

Para iniciar essa seção cabe discorrer, ainda que de forma pragmática, sobre o termo trajetória empreendedora. Assim, pode-se dizer que a trajetória empreendedora estaria relacionada à forma pela qual cada empreendedor lida com situações de oportunidade e risco ao longo de sua vida empresarial (Minello, 2010). Levar-se-iam em conta as características relacionadas a aspectos pessoais, sócio-comportamentais e ambientais. Conceitualmente, está ligado aos objetivos profissionais que o indivíduo pretende alcançar ao longo de sua trajetória profissional de empreendedor. Isso significa estabelecer um plano de carreira profissional empreendedora pela criação de cenários de curto, médio e longo prazos; analisar a necessidade de recursos e sócios; identificar se prefere ou se tem vocação para liderar pessoas; se gosta ou não de ter contato com muitas pessoas; identificar o tipo de negócio que pretende atuar, incluindo instalações, localização, setor de atuação etc; e, por fim, identificar como irá atuar de maneira diferenciada.

Cruz (2005), a exemplo, estudou a trajetória empreendedora e constatou que a maior dificuldade do empreendedor não é a abertura de uma empresa e sim a promoção de sua manutenção e de seu crescimento; a geração de lucros; a criação de empregos; o atendimento às necessidades dos clientes; e o cumprimento do plano de negócios. Essa ideia vai de encontro ao SEBRAE (2013) que afirma ser uma das principais razões da mortalidade das empresas de pequeno porte a falta de capacidade de desenvolver e de gerenciar a empresa. Para evitar essa situação, Oliveira (2014) afirma ser necessário estabelecer claramente os objetivos e os resultados esperados pelo novo negócio; organizar um cronograma das atividades da empresa, com visão da amplitude de atuação; identificar o tipo de negócio que envolva alguma tecnologia já conhecida pelo empreendedor; e, por fim, identificar o setor da economia que necessite da contribuição a ser dada pelo empreendedor.

Além das questões a respeito da trajetória empreendedora, esta seção tem o objetivo de discutir o ciclo de vida das organizações. De acordo com Frohlich, Rossetto e Silva (2007), os estágios de desenvolvimento do ciclo de vida de uma empresa consistem em um período com

características próprias e se definem na trajetória de vida de uma organização. Segundo Nassif *et al.* (2010), a teoria do ciclo de vida organizacional se baseia na crença de que o empresário tem papel fundamental no processo empreendedor. Nesse sentido, ele assume uma posição mais ativa do que reativa no desenvolvimento e no sucesso do empreendimento; o que reforça a importância dos atributos pessoais (perseverança, coragem, motivação pessoal, aceitação ao risco, etc.) e cognitivos (assumir riscos calculados, habilidade de estabelecer parcerias, definir metas, planejamento, conhecer seus limites, eloquência e comunicação) na trajetória de vida de uma organização. Para os autores, os aspectos pessoais afetivos influenciam positivamente as fases iniciais de concepção e inovação nos negócios; enquanto os atributos cognitivos aumentam sua importância progressivamente ao longo do tempo do empreendimento.

Estudos em ciclo de vida de uma empresa mantém foco sobre outro fator relevante: o tempo de duração da organização, isto é, o tempo em que elas permanecem vivas e atuantes na sociedade. Em outras palavras, estudos em ciclo de vida mantêm atenção na longevidade empresarial. Esta é definida como o sucesso em longo prazo, com elevado desempenho associado à persistência (Brito & Vasconcelos, 2005). Para Montuori (2000) a longevidade empresarial está relacionada à capacidade de gestão pela mudança. Collins e Porras (1995), por sua vez, salientam que as empresas de sucesso necessitam de pessoas persistentes que tenham como foco a organização duradora e acreditam que seus produtos e serviços são úteis e importantes para a vida dos clientes.

Na literatura, observa-se que os ciclos de vida das organizações são percebidos de formas diferentes pelos autores. A seguir apresentam-se os modelos mais utilizados em estudos sobre o ciclo de vida de uma empresa: evolução e revolução (Greiner, 1972); desenvolvimento organizacional (Miller & Freebsen, 1980), fases de crescimento (Churchill & Lewis, 1983), estágio de eficácia da fabricação (Wheelwright & Hayes, 1985), funcional (Scott & Bruce, 1987), ciclo biológico (Degen, 1989), estágio de crescimento e envelhecimento (Adizes, 1990), estágio de desenvolvimento (Kaufmann, 1990), estágio de crescimento (Kazanjian & Drazin, 1990), gerencial (Mount, Zinger, & Forsyth, 1993), processo empresarial (Reynolds, Storey, & Westhead (1994), evolução organizacional (Victor & Boynton, 1998), desenvolvimento organizacional (Lester, Parnell, & Carraher, 2003), estágio de desenvolvimento (Bernardi, 2003), ciclo de vida de pequenas empresas (Gerber, 2004), e processo empreendedor (Bygrave, 2010).

Dentre os modelos de ciclo de vida observados na literatura e descritos anteriormente, a proposta de Bygrave (2010) destaca-se, pois apresenta os fatores críticos (Nassif *et al.*, 2010)

que impulsionam o desenvolvimento do negócio em cada estágio. De acordo com Bygrave (2010, p. 52) "como na maioria do comportamento humano, características empreendedoras são moldadas por atributos pessoais e do meio ambiente". A escolha do modelo justifica-se também devido à possibilidade de identificar a dinâmica dos processos empresariais por meio de uma compreensão dos valores, das características comportamentais e das ações empreendedoras ao longo do tempo. Esse modelo já foi utilizado em pesquisas no Brasil (Nassif *et al.*, 2010; Silva *et al.*, 2015). Após levantamento nas bases acadêmicas nacionais e internacionais foram identificados 314 estudos internacionais que fizeram menção ao modelo. A seguir apresentam-se informações mais pormenorizadas sobre o modelo do processo empreendedor de Bygrave (2010).

2.2.1 O Modelo do Processo Empreendedor segundo Bygrave (2010)

De acordo com Bygrave (2010), o empreendedor é aquele indivíduo que percebe uma oportunidade e cria uma organização para aproveitá-la. Já o processo empreendedor inclui as ações ou as atividades que fazem parte da percepção da oportunidade e da criação de uma organização com foco em seu desenvolvimento de sucesso.

É possível perceber que o processo empreendedor remete à trajetória da organização, compreendendo as fases de inovação (surgimento da ideia), evento inicial, implantação e crescimento, conforme apresentado na figura 1. O modelo do processo empreendedor de Bygrave (2010) considera que o desenvolvimento de uma empresa inclui fatores pessoais, ambientais, sociológicos e organizacionais, que se diferenciam ou impulsionam cada uma de suas fases.

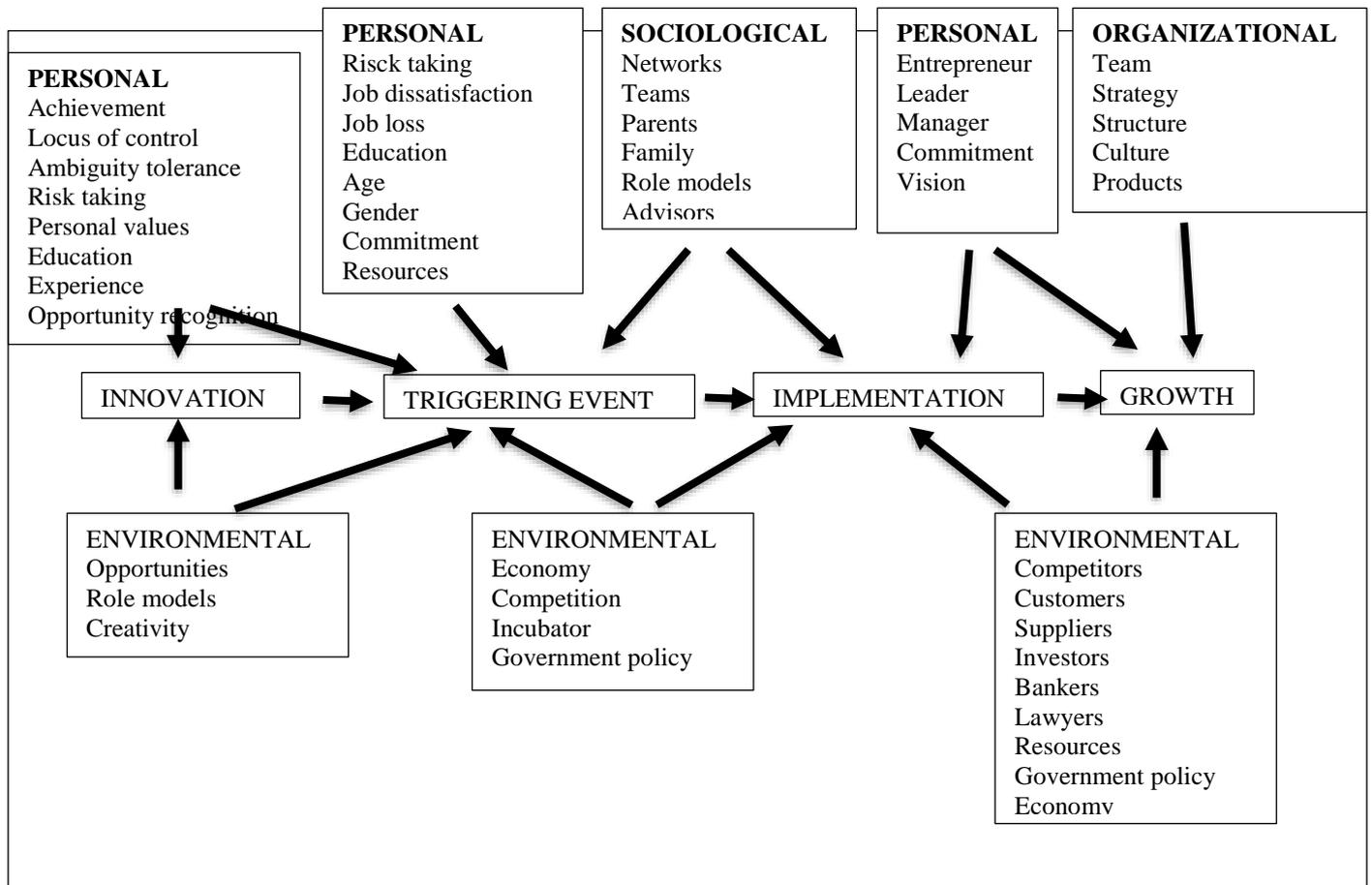


Figura 1: O processo empreendedor, Bygrave, (2010)

De acordo com a figura 1, na fase de inovação, em que Bygrave (2010) aborda o surgimento de uma ideia a partir da percepção de uma oportunidade, estão presentes os atributos pessoais do empreendedor e os fatores ambientais. Nas fases evento inicial (criação da organização) e implantação, além dos fatores pessoais e ambientais, tem-se a presença dos fatores/atributos sociológicos. Já na fase de crescimento, os fatores pessoais, ambientais e organizacionais tornam-se preponderantes. Portanto, o processo de empreender está relacionado aspectos pessoais, sociológico, e fatores ambientais que dão origem a uma nova empresa. Segundo o próprio Bygrave (2010) a ideia para um novo negócio se daria por meio de uma busca deliberada ou de um encontro casual. Seja ou não, a ideia de seguir depende fatores como suas perspectivas alternativas profissionais, família, amigos, modelos a seguir, ambiente econômico, e da disponibilidade de recursos.

Além das variáveis presentes no modelo de Bygrave (2010), esse estudo sugere inclusão de mais outras duas necessárias a compreensão mais ampla do processo empreendedor; são elas: *resolução de problemas* e *perspectivas e tendências*. A dimensão *resolução de problemas*

avalia a capacidade do empresário em diminuir o risco, principalmente aqueles advindos do ambiente seja ele social, organizacional ou econômico. *Perspectivas e tendências*, por sua vez, avalia o que o empreendedor espera em relação a continuidade do negócio. Isto é, avalia a motivação do empresário em relação a longevidade de seu negócio. Ressalta-se que a proposição do estabelecimento da dimensão *resolução de problemas* alicerça-se nos estudos de Schumpeter (1985), Prahalad e Hamel (1990), Dolabela (1999), Vipiana (2001), Bygrave (2010), Ferreira, Santos e Serra (2010) e Oliveira (2014), e da dimensão *perspectivas e tendências*, nos estudos de Greiner (1972), Pereira (1995), Dolabela (1999), Vipiana (2001), Ferreira *et al.* (2010) e Minello (2010). Os referidos estudos permitiram aos autores a proposição das duas variáveis em questão que devem ser inclusas no modelo em função dos seguintes argumentos: a qualquer momento da trajetória empresarial, o empreendedero estará sujeito a riscos, portanto, deverá desenvolver sua habilidade de resolução de problemas. Além disso, o ambiente social, organizacional e econômico em que o empreendedor está inserido afeta sua motivação para o negócio ou seu interesse em continuar a empreender seu negócio; por esse motivo, da-se que importância para análise dos elementos relativos a perspectivas e tendências.

3 Metodologia

A metodologia adotada na pesquisa tem abordagem quantitativa (Richardson, 1999). Deu-se por meio da coleta de dados primários via *survey* analítico (Collins & Hussey, 2005), a partir das percepções de sócios/proprietários de micro e pequenas empresas da mesorregião do Norte de Minas Gerais. O norte de Minas é ainda uma região em desenvolvimento no Estado. Longe dos grandes centros industriais, existe um grande número de pequenos estabelecimentos que dependem de fatores semelhantes aos descritos pelo modelo de Bygrave (2010).

A população da presente pesquisa é composta por todo sócio/proprietário que possui estabelecimento em atividade e cadastrado formalmente nos órgãos de controle na Mesorregião do Norte de Minas Gerais. Em relação à atividade econômica, a Mesorregião do Norte de Minas Gerais é composta por 87 municípios e 35.703 empresas atuantes, sendo que: 30,41% (10.859) sediadas em Montes Claros; 4,88% (1.744) em Pirapora; 4,57% (1.630) em Janaúba; 3,78% (1.349) em Bocaiuva; 3,75% (1.339) em Januária; 3,58% (1.279) em Salinas; 3,02% (1.077) em Taiobeiras; 2,81% (1.004) em São Francisco. Essas oito cidades correspondem

juntas a 56,8% (20.281) das empresas atuantes na mesorregião do Norte de Minas. Os demais municípios contemplam 43,2% (15.422) das empresas distribuídas nos outros setenta e nove municípios do Norte de Minas (IBGE, 2012).

A partir desse levantamento foi definida a amostragem do estudo composta pelos cinco municípios que possuem o número maior de empresas atuantes, ou seja, Montes Claros, Pirapora, Janaúba, Bocaiúva e Januária. Inicialmente, o cálculo da amostra foi realizado considerando o nível de confiança de 95%. Após a pesquisa, o erro amostral aumentou para 6,3%; e resultou em uma amostra mínima de 236 respondentes, valor inferior ao número de questionários válidos auferidos na pesquisa (237).

Para definição dos sujeitos da pesquisa foram utilizados os seguintes critérios de acessibilidade e de disponibilidade: (1) ser sócio/proprietário de micro ou pequenas empresas, (2) ter estabelecimento cadastrado nos órgãos de controle e possuir alvará de funcionamento, (3) estar com a empresa em atividade/funcionamento no período da coleta de dados em um dos municípios selecionados, e (4) aceitar livremente o convite de participação na pesquisa. O convite aos sócios/proprietários para participar da pesquisa foi formalizado mediante visita *in loco* no estabelecimento pelos pesquisadores. A aplicação do questionário se deu na própria empresa.

Quanto a coleta de dados, esta foi realizada mediante preenchimento de questionário estruturado compilado a partir de questões embasadas nos autores mencionados no marco referencial desse trabalho. É importante ressaltar que antes da aplicação do questionário, este passou por revisão semântica a fim de garantir a máxima clareza possível em relação aos assuntos abordados. O instrumento de pesquisa valeu-se de escala likert de 5 pontos, variando de 1 (discordo na maioria das vezes) a 5 (concordo na maioria das vezes); foi aplicado no período de janeiro a fevereiro de 2016 e encontra-se dividido em três partes. A parte III, por sua vez, contou com 64 questões relacionadas às fases do processo empreendedor proposto por Bygrave (2010) (*inovação, evento inicial, implantação e crescimento*); e às duas outras dimensões propostas nesta pesquisa (*resolução de problemas e perspectivas e tendências*) entendidas como necessárias à compreensão do processo empreendedor em consonância às expectativas futuras e a ideia de prosseguir o negócio. O questionário valeu-se de escala likert de 5 pontos, variando de 1 (discordo na maioria das vezes) a 5 (concordo na maioria das vezes).

4 Apresentação e análise dos resultados.

4.1 Perfil sociodemográfico dos sócios/proprietários

Segue perfil sociodemográfico dos sócios/proprietários participantes da pesquisa: 59,92% possuem até 45 anos de idade; 58,23% são homens; 64,56% são casados; 72,57% possuem até o ensino médio completo. Quanto ao ramo de atuação, 62,87% das empresas pesquisadas atuam no comércio, 11,81% na prestação de serviços, 21,94% na área de comércio/serviços e 3,38% em outras atividades. Quanto ao tempo de fundação, 32,49% das empresas possuem até 4 anos de existência; 25,74%, entre 5 e 10 anos; 5,01%, mais de 11 anos; e 1,27% não especificaram o tempo de fundação.

Em relação à condição societária, 56,96% das empresas pesquisadas têm apenas um proprietário; 37,97% têm sócios e 5,06% não informaram se possuem ou não sócios. Quanto ao número de funcionários, observa-se que 59,07% têm entre 1 e 9 funcionários, 32,49% não contavam com funcionários e 8,02% possuíam entre 10 a 49 funcionários. Quanto ao faturamento, 51,90% das empresas enquadram-se na faixa de até 60 mil reais; 21,94%, entre 61 a 200 mil reais; 10,97%, entre 201 e 500 mil reais; 8,86%, acima de 501 mil reais; e 6,33% das empresas não informaram o faturamento. Apurou-se na pesquisa a relação entre faturamento e nível de escolaridade: nas empresas onde o sócio/proprietário possuía nível de formação de ensino superior completo ou posterior, o faturamento da empresa estava acima da grande maioria das empresas da região.

4.2 Validação do instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa proposto nesta investigação aborda o processo empreendedor e abarca seis variáveis: quatro delas propostas por Bygrave (2010) – *evento inicial, implantação, crescimento e inovação*; e duas propostas pelos autores desse trabalho – *resolução de problemas e perspectivas e tendências*. Na tabela 1 é possível observar todas as variáveis utilizadas nessa pesquisa, suas referidas questões associadas e os valores dos testes estatísticos utilizados na análise fatorial conforme descrito a seguir.

A validação do instrumento de pesquisa foi realizada pelo método de componentes principais e iniciou-se com verificação da adequação da utilização da análise fatorial nos dados auferidos nesta pesquisa para cada uma das dimensões avaliadas. Iniciou-se com o cálculo da matriz de correlação e prosseguiu com análise dos testes KMO, esfericidade de Bartlett e matriz

anti-imagem. Em relação ao cálculo da matriz de correlação, esta análise tem por objetivo verificar existência de correlações suficientes para justificar a aplicação da análise fatorial (Pestana & Gageiro, 2000). Observou-se que, para todas as dimensões avaliadas nessa pesquisa, a correlação entre as variáveis foi positiva e estatisticamente significativa (p -valor $< 0,05$), validando o pressuposto de linearidade das dimensões em estudo.

O próximo passo contemplou análise dos testes KMO e esfericidade de Bartlett. O teste de esfericidade Bartlett é utilizado para testar a hipótese da matriz das correlações ser a matriz identidade com determinante igual a 1. Para todas as dimensões avaliadas nessa pesquisa, conforme dados da tabela 1 o resultado desse teste indicou p -valor $< 0,000$, o que leva a rejeição da referida hipótese, isto é, conclui-se que há probabilidade estatística da existência de correlações significantes entre pelo menos algumas das variáveis estudadas (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005). O teste KMO, por sua vez, varia de 0 a 1 e compara as correlações simples com as parciais observadas entre as variáveis. No caso dos dados desta pesquisa, observaram-se valores do teste de KMO superiores a 0,642, conforme tabela 1, indicando razoável adequação dos dados em relação à utilização da análise fatorial (Pestana & Gageiro, 2000).

A matriz anti-imagem, segundo Hair *et al.* (2005), é uma matriz de correlações parciais entre variáveis após a análise fatorial e contém as medidas de adequação da amostra (MSA) que representam o grau em que os fatores explicam um ao outro nos resultados. A medida de adequação da amostra para cada uma das variáveis foi considerada aceitável, apresentando valores superiores a 0,5 para todas as questões; exceto para a 17 que alcançou a importância de 0,454. Considerando (1) a proximidade do valor de MSA para a questão 17 em relação ao mínimo exigindo e (2) a relevância de seu conteúdo para o construto em questão, optou-se por manter a referida questão recaindo sobre ela uma atenção especial em relação às análises subsequentes.

A análise fatorial prossegue com avaliação das comunalidades que, segundo Hair *et al.* (2005, p. 90), refere-se a “quantia total da variância que uma variável original compartilha com todas as outras variáveis incluídas na análise”. De acordo com os mesmos autores, o valor mínimo para esse parâmetro deve ser 0,5. Para todas as questões dessa pesquisa obtiveram-se valores de comunalidades superiores ao mínimo exigido, exceto para as questões 4, 5 e 46 que foram excluídas do modelo por apresentarem comunalidade inferiores a 0,30; e para as questões 14, 29, 35, 37, 53 e 55 que apresentaram, respectivamente, valores de comunalidades na ordem de 0,472, 0,455, 0,371, 0,434, 0,372 e 0,479. Tais questões foram mantidas na análise em

função dos seguintes critérios: (1) por apresentarem comunalidades muito próximas ao mínimo exigido, (2) por sua relevância para explicação das dimensões avaliadas, e (3) dado o caráter exploratório do presente estudo.

A análise fatorial prosseguiu com a etapa de extração dos fatores. De acordo com Hair *et al.* (2005), essa etapa visa transformar em fatores, por meio de combinações de variáveis, aquelas que melhor explicam o maior montante de variância. Nesta pesquisa, e conforme indicação dos referidos autores, o critério de raiz latente (também conhecido como autovalor ou *eigenvalue*) foi escolhido. Baseia-se no raciocínio de que cada fator deve explicar pelo menos uma variável se o mesmo for mantido para interpretação (Hair *et al.*, 2005). Para confirmar a retenção dos fatores avaliou-se também o gráfico do *scree plot*. Para o caso desse estudo, e conforme tabela 1, as dimensões avaliadas nessa pesquisa alcançaram variância extraída superior a 57,00%.

Deu-se continuidade a análise com avaliação da matriz dos componentes após rotação ortogonal *varimax*. Nessa pesquisa, optou-se por utilizar esse método de rotação, pois ele procura simplificar as colunas da matriz, isto é, possibilita que cada variável tenha carga alta em um único fator e cargas baixas nos demais. De acordo com Pestana e Gageiro (2000), consideram-se significativos os *loadings* ou cargas fatoriais maiores ou iguais a 0,5, por serem responsáveis por 25% da variância. Para todas as questões avaliadas nessa pesquisa, conforme tabela 1, as cargas fatoriais atingiram valores superiores ao mínimo exigido, exceto as questões 3, 7, 18, 47, 35, 29 e 53. Estes itens, todavia, foram mantidas considerando proximidade de sua carga fatorial em relação ao mínimo exigido e sua relevância para explicação dos construtos as quais estão vinculadas.

Para finalizar análise fatorial, procedeu-se ao teste de Alfa de Cronbach. De acordo com Hair *et al.* (2005), esse parâmetro é uma medida de confiabilidade que varia de 0 a 1, sendo aceitáveis valores superiores a 0,60. Conforme tabela 1, para todas as dimensões avaliadas nessa pesquisa atingiram-se valores iguais ou superiores ao exigido. Dessa forma, conclui-se que o instrumento de pesquisa proposto neste estudo é confiável e mensura aquilo que se propõe a avaliar.

Variável	Questão	Carga fatorial	KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância extraída	Alfa de Cronbach
1. Evento inicial (1)	1	0,663	0,642	0,000	58,94	0,620
	2	0,540				
	3	0,436				
	6	0,718				
	7	0,427				
	8	0,667				
	9	0,801				
	10	0,645				
	11	0,766				
	12	0,805				
	13	0,579				
	14	0,655				
	15	0,521				
	16	0,626				
2. Implantação	17	0,868	0,740	0,000	57,01	0,607
	18	-0,431				
	19	0,727				
	20	0,671				
	20	0,629				
	21	0,765				
	22	0,678				
	23	0,801				
	24	0,656				
	25	0,711				
Crescimento	26	0,862	0,677	0,000	60,378	0,616
	27	0,565				
	28	0,719				
	29	0,497				
	30	0,817				
	31	0,541				
	32	0,710				
	33	0,711				
	34	0,725				
	35	0,428				
Inovação	36	0,713	0,643	0,000	59,157	0,654
	37	0,688				
	38	0,653				
Resolução de problemas (2)	39	0,634	0,672	0,000	67,223	0,705
	40	0,497				
	41	0,808				
	42	0,688				
	43	0,776				
Perspectiva e tendência	44	0,841	0,671	0,000	57,367	0,600
	45	0,891				
	46	0,739				
	47	0,511				
	48	0,653				
	49	0,519	0,671	0,000	57,367	0,600
	50	0,603				
	51	0,541				
	52	0,703				
	53	0,450				

	54	0,688				
	55	0,633				
	56	0,644				
	57	0,839				
	58	-0,639				
	59	0,590				
	60	0,791				
	62	0,760				
	64	0,614				

Figura 2: Síntese dos parâmetros de validação do instrumento de pesquisa – análise fatorial
 Fonte: elaborado pelos autores.

Em síntese, a análise fatorial mostrou-se a técnica estatística adequada para avaliar os dados auferidos neste estudo e para validar o instrumento de pesquisa proposto. Dados da análise fatorial indicaram valores adequados em todas as medidas utilizadas, com algumas exceções que foram prontamente justificadas.

5 Conclusões

O presente estudo teve por objetivo validar estatisticamente um instrumento de pesquisa de acordo com a trajetória empreendedora proposta por Bygrave (2010) e avaliar a pertinência da inclusão de outras variáveis no mesmo modelo. Valeu-se de uma metodologia quantitativa com utilização de *survey* do tipo analítico. Dados primários foram coletados via questionário a partir das percepções de sócios/proprietários de micro e pequenas empresas da mesorregião no Norte de Minas.

A discussão teórica realizada nesse estudo permitiu concluir pela necessidade de incluir no modelo de Bygrave (2010) as variáveis *resolução de problema* e *perspectivas e tendências*, com o objetivo de promover compreensão mais ampla do processo empreendedor. O estudo da literatura pertinente permitiu aos autores a proposição das duas variáveis em questão que devem ser inclusas no modelo em função dos seguintes argumentos: a qualquer momento da trajetória empresarial, o empreendedor está sujeito a riscos, portanto, deverá desenvolver sua habilidade de resolução de problemas. Além disso, o ambiente social, organizacional e econômico em que o empreendedor está inserido afeta sua motivação para o negócio ou seu interesse em continuar a empreender; por esse motivo, os autores da presente pesquisa chamam atenção a importância que se deve dar a análise dos elementos relativos a perspectiva e tendências.

A validação do instrumento de pesquisa proposto neste estudo foi realizada via análise fatorial, com utilização do método de componentes principais e rotação varimax. A validação

do instrumento foi realizada por meio de sucessivos refinamentos que culminaram em parâmetros adequados nos testes avaliados: matriz de correlação, teste KMO e de esfericidade de Bartlett, matriz anti-imagem, comunalidades, extração dos fatores, matriz dos componentes após a rotação ortogonal e teste de Alfa de Cronbach. Destaca-se os valores referentes a consistência interna, o que demonstra ser o instrumento proposto adequado para avaliar o processo empreendedor. Os itens da escala que não se mostraram confiáveis e válidos foram retirados da análise, sendo eles as questões 4, 5 e 43.

Ao apresentar um questionário validado de análise do processo empreendedor, pretendeu-se contribuir para o desenvolvimento das pesquisas sobre esse tema. Adicionalmente, o instrumento em questão constitui uma ferramenta gerencial para diagnosticar as etapas do processo empreendedor e para promover a longevidade das organizações.

Como toda pesquisa, esta também apresenta limitações. Elas referem-se a problemas em alguns itens da escala em relação aos parâmetros de MSA e de comunalidade. Ressalta-se, todavia, que tais questões não comprometem a validade e pertinência do instrumento proposto neste estudo.

Quanto às recomendações, sugere-se realização de estudos futuros que avaliem a relação entre *perspectivas e tendências, resoluções de problema* e trajetória empresarial. Outras pesquisas podem avaliar também tal relação considerando outros modelos do processo empreendedor.

Referências

- Adizes, I. (1990). *Os ciclos de vida das organizações: como e porque as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito*. São Paulo: Pioneira.
- Araújo, E. B. (1998). Entrepreneurship e intrapreneurship: uma trajetória literária de 1979 a 1988. *Revista de Administração de Empresa*, 28 (4), 67-76. Recuperado em 10 novembro, 2015, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901988000400010>
- Barros, F. S. O. & Moreira, M. V. C. O. (2006). A organização produtiva de micro e pequenas empresas no turismo: um estudo da região de canoa quebrada, CE. *Revista de Administração e Contabilidade Unisinos*, 3 (2), 150-163. Recuperado em 10 novembro, 2015 de revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/5966/3144
- Bernardi, L. A. (2003). *Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas*. São Paulo: Atlas.

- Bom Angelo, E. (2003). *Empreendedor Corporativo: a nova postura de quem faz a diferença*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Boszczowski, A. K. & Teixeira, R. M. (2012). O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. *Revista Economia & Gestão*, 12 (29)141-168. Recuperado em 23 novembro, 2017 de <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2012v12n29p109>
- Brito, L. A & Vasconcelos, F. C. (2005). Desempenho das Empresas Brasileiras: efeitos ano, ramo de negócios e firma individual. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(n.spe1), 65-85. Recuperado 01 dezembro, 2015 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552005000500004>.
- Bygrave, W. D. (2010). The Entrepreneurial Process. In W. Bygrave & A. Zacharakis. *Entrepreneurship* (pp. 49-69). USA: John Wiley & Sons.
- Carneiro, P. P. (2008). Metodologia Fuzzy Aplicada para predição do comportamento empreendedor. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32.
- Churchill, N. C. & Lewis, V. L. (1983). The five stages of small business growth. *Harvard Business Review*, 61 (3), 30-50.
- Collins, J. & Hansem, M., T.(2012). *Vencedoras por opção*. São Paulo: HSM Editora.
- Collins, J.; Hussey, R. (2005). **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman.
- Collins, J. & Porras, J. I. (1995). *Feitas para Durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Cruz, C. F. (2005). *Os Motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações: um estudo de caso da Pramp's Lanchonete*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Degen, R. J. (1989). *O Empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: Makron Books.
- Dolabela, F. O (1999). *Segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Drucker, P. F. (2003). *Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Fernandes, R. B. (2013). *Características comportamentais empreendedoras: estudo da trajetória empresarial em empresas de pequeno porte na cidade de Brumadinho/MG*. Dissertação de Mestrado, Faculdade Novos Horizontes. Belo Horizonte, MG, Brasil.

- Ferreira, M. P, Santos, J. C. & Serra, F. R. (2010). *Ser Empreendedor: pensar, criar e moldar a nova empresa*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Frohlich, L.; Rossetto, C. R.; Silva, A. B. (2007). Implicações das práticas de gestão no ciclo de vida organizacional: um estudo de caso. *Revista Análise*, 18 (1), 139-160. Recuperado em 01 dezembro, 2017 de revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/363/266.
- Filia, N. (2013). As Incubadoras como Ambientes de Aprendizagem do Empreendedorismo. *RAEP- Administração: Ensino & Pesquisa*, 14(4), 759-783. Recuperado em 04 janeiro, 2018 de <https://doi.org/10.13058/raep.2013.v14n4.51>
- Franke, N., Gruber, M., Harhoff, D. & Henkel, J. (2008), Venture Capitalists' Evaluations of Start-Up Teams: Trade-Offs, Knock-Out Criteria, and the Impact of VC Experience. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 32(3), 459–483. Recuperado em 01 dezembro, 2017 de <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2008.00236.x>
- Global Entrepreneurship Monitor -GEM (2001). *Empreendedorismo no Brasil*. IBQP-PR / SEBRAE.
- Gerber, M. E. (2004). *Empreender: fazendo a diferença*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional.
- Greatti, L. (2010). Perfis Empreendedores: Análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá-PR. *Revista FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão*, 8 (1), 67-83.
- Greiner, L. E. (1972). Evolution and revolution as organizations grow. *Harvard Business Review*, 50(3), 37-46. Recuperado em 02 novembro, 2017 de [DOI: 10.1007/978-1-349-20317-8_25](https://doi.org/10.1007/978-1-349-20317-8_25)
- Hair Jr., J. F., Anderson, R., E, Tatham, R. L. & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Brokman.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012). *Divisão Urbano Regional: composição das regiões*. Recuperado em 25 setembro, 2015 de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/cadastroempresa/2012/default_xls_unidade.shtm.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. (2012). *Micro e pequenas empresas: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ipea.
- Kaufmann, L (1990). *Passaporte para o ano 2000: como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora para crescer com sucesso até o ano 2000*. São Paulo: Makron: McGraw-Hill.
- Kazanjian, R. K. & Drazin, R. (1990). A stage-contingent model of design and growth for technology-based new ventures. *Journal of Business Venturing*, 5(3), 137-150, Recuperado em 05 maio, 2018 de [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(90\)90028-R](https://doi.org/10.1016/0883-9026(90)90028-R)

- Lester, D.L., Parnell, J.A. & Carraher S. (2003). Organizational life cycle: a five stage empirical scale. *The International Journal of Organizational Analysis*, Bingley, 11 (4), 339-354. Recuperado em 05 maio, 2018 de <https://doi.org/10.1108/eb028979>
- Lima-Filho, D. O., Sproesser, R. L. & Martins, E. L. C. (2009). Empreendedorismo e Jovens Empreendedores. *Revista de Ciências da Administração*. 11 (24), 246-277. Recuperado em 15 outubro, 2015 de DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2009v11n24p246>
- Machado, H. P. V. & Gimenez, F., A. P. (2000). Empreendedorismo e diversidade: uma abordagem demográfica de casos brasileiros. *Anais do IEGEPE*, 132-143. Maringá, PR, Brasil: UEM.
- Maciel, C. O. (2009). Comportamento empreendedor e capacidades organizacionais: hierarquização e mensuração de seus efeitos no desempenho de empresas de pequeno porte. *Revista Alcance - Eletrônica*, 16, (1), 26-44, 2009. Recuperado em 10 novembro, 2015 de DOI: 10.14210/alcance.v16n1.p026-044
- Maciel, C. O. & Camargo, C. (2010). Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. *Revista de Administração Mackenzie*, 11(2), 168-188. Recuperado em 15 novembro, 2015 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712010000200008>.
- Martinelli, L. A. S. & Fleming, E. S. (2010). O comportamento empreendedor: a influência das características emocionais na motivação dos indivíduos para a ação empreendedora. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 34
- Melo Neto, F. P. & Froes, C. (2002). *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark..
- Miller, D.; Friesen, P. (1980, june). Archetypes of Organization Transition. *Administrative Science Quarterly*, 25 (2), 268-299. Recuperado em 11 outubro, 2015 de <http://www.jstor.org/stable/2392455?seq=1#page_scan_tab_contents>.
- Minello, I. F. (2010). *Resiliência e Insucesso Empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Montuori, L. A. (2000). Organizational longevity integrating systems thinking, learning and conceptual complexity. *Journal of Organizational Change Management*, 13 (1), 61-73. Recuperado de 20 março, 2016 de <https://doi.org/10.1108/09534810010310249>
- Moroz, P. W. & Hindle, K. (2012). Entrepreneurship as a Process: Toward Harmonizing Multiple Perspectives. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(4), 781-818. Recuperado em 5 maio, 2017 de <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00452.x>

- Mount, J., Zinger, J. T. & Forsyth, G. R. (1993). Organizing for development in the small business. *Long Range Planning*, 26(5), 111-120. Recuperado em 15 novembro, 2015 de [https://doi.org/10.1016/0024-6301\(93\)90083-R](https://doi.org/10.1016/0024-6301(93)90083-R).
- Nassif, V. M. J., Ghobril, A. N. & Silva, N. S. (2010). Understanding the entrepreneurial process: a dynamic approach. *BAR - Brazilian Administration Review*, 7(2), 213-226. Recuperado em 15 novembro, 2015 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-76922010000200007>
- Oliveira, D. P. R. (2014). Empreendedorismo: vocação, capacitação e atuação direcionadas para o plano de negócios. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, J. R. C., Silva, W. A.C., & Araújo, E. A. T. (2013). Longevidade empresarial e características empreendedoras: análise das MPE's da microrregião de Teófilo Otoni/Minas Gerais/Brasil. *Tourism & Management Studies*, 9(2), 107-117. Recuperado em 6 de maio, 2018 de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-84582013000200016&lng=pt&tlng=pt.
- Oliveira, V. C., Silva, W. A. C., Araújo, E. A. T.; Jeunon, E. E. (2013). Análise do Ciclo de Vida Organizacional e Longevidade de Micros e Pequenas Empresas Distribuidoras de Gás de Petróleo. *Teoria e Prática em Administração*, 3(2), 1-26. Recuperado em 10 novembro, 2015 de <https://doi.org/10.21714/tpa.v3i2.13269>
- Pereira, H.J. (1995). Motivos de sucesso e de fracasso empresarial. In H. J. Pereira, & S. A. Santos. *Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor*. (pp. 271-278). Brasília: Ed. SEBRAE.
- Pestana, M. H. & Gageiro M. J. (2000). Análise de dados para Ciências Sociais: a complementariedade do SPSS. Lisboa: Gráfica Rolo e Filhos.
- Prahalad, C. K. & Hamel, G. (1990). The core competence of the corporation. *Harvard Business Review*, 68 (3), 1-15.
- Reynolds, P. D., Storey, D., & Westhead, P. (1994). Regional characteristics affecting entrepreneurship: a cross-national comparison. In *Frontiers of Entrepreneurship Research*, Wellesley, MA: Babson College, 550-564.
- Richardson, R. J. (org.) (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Schumpeter, J. A. (1985). *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril S. A. Cultural.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Sobrevivência das Empresas no Brasil—SEBRAE (2013). Coleção Estudos e Pesquisas. Julho 2013. Recuperado em 3 agosto, 2017 de <http://gestaoport.al.sebrae.com.br/uf/rio-de-janeiro/sebrae-no-rio-de-janeiro/estudos-e-pesquisas-1/conjuntura-economica/Sebrae_CE_jul13_Sobrevivencia_MPE_%20Brasil.pdf>.